



EDUCAÇÃO FÍSICA, TERAPIAS CORPORAIS E BIOENERGÉTICA: CONVERSA COM UM PROFESSOR SOBRE PICS NO SUS¹

PHYSICAL EDUCATION, BODY THERAPIES AND BIOENERGETIC: CONVERSATION WITH THE TEACHER ABOUT PICS IN SUS

Tiago Pascoal dos Santos
 Amora Ferreira Menezes Rios
 Isabela Santos Souza
GPERMIT - UESC

RESUMO

Este é um trabalho acadêmico sobre as terapias corporais e as Práticas Integrativas Complementares em Saúde (PICS). Trata-se de uma entrevista com um docente do curso de Educação Física da Universidade Estadual de Santa Cruz que conduz iniciativas de ensino e extensão tendo por base a proposta Neorreichiana. Conduzida por um profissional de Educação Física e duas Enfermeiras, a entrevista tem como principal objetivo divulgar a existência e a importância das Terapias Corporais na Região Sul da Bahia, além de buscar conhecer a gênese de tais práticas na UESC, bem como sua relação com os atuais debates sobre a inserção das PICS no Sistema Único de Saúde (SUS). Essa iniciativa acadêmica nasceu da participação dos entrevistadores nas disciplinas ministradas pelo entrevistado e da necessidade de se registrar o relato do percurso das Terapias Corporais na UESC, o primeiro a se trabalhar com o que hoje conhecemos por Práticas Integrativas e Complementares em Saúde.

Palavras-chaves: Terapias Corporais. Bioenergética. Práticas Integrativas e Complementares. SUS.

¹ Entrevista concedida em 10 de agosto de 2019 no Parque Desportivo da Universidade Estadual de Santa Cruz – UESC/BA

Bioenergética. Revista Revise, v.05, fluxo contínuo (2020): Dossiê experiências de integração ensino serviço nas Práticas Integrativas e Complementares, p. 241-254.

Pascoal dos Santos, T. & et. al. (2020).



ABSTRACT

This is an academic paper on body therapies and Complementary Integrative Practices in Health (PICS). This is an interview with a professor in the Physical Education course at the State University of Santa Cruz who conducts teaching and extension initiatives based on the Neorreichian proposal. Conducted by a Physical Education professional and two Nurses, the interview has as main objective to disclose the existence and importance of Body Therapies in the Southern Region of Bahia, in addition to seeking to know the genesis of such practices at UESC, as well as their relationship with current debates on the insertion of PICS in the Unified Health System (SUS). This academic initiative was born from the participation of interviewers in the disciplines taught by the interviewee and the need to register the account of the precursor of Body Therapies at UESC, the first to work with what we know today as Integrative and Complementary Health Practices.

Keywords: Body Therapies, Bioenergetics, Integrative and Complementary Practices, SUS.



APRESENTAÇÃO

Um Profissional de Educação Física, docente da Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC), comenta a sua trajetória profissional e o seu interesse pelas terapias corporais, contando “o início de tudo” e a resistência – maior no passado – do público acadêmico com os que escolhiam trabalhar com alguma prática alternativa. O professor Samuel Macêdo Guimarães atua desde 1997 na UESC, instituição de ensino superior localizada em Ilhéus, na Bahia.

O professor conversa com Tiago Pascoal dos Santos, Amora Ferreira Menezes Rios e Isabela Santos Sousa, integrantes do Programa de Pós-graduação em Saúde Coletiva da Universidade Federal do Sul da Bahia (PPG-ESC/UFSB) na modalidade de Especialização. Na entrevista ele explica sua preferência por não denominar Práticas Alternativas e chamar de Abordagens Corporais Terapêuticas ou Abordagens Corporais Diferenciadas.

O objetivo central dessa empreitada acadêmica foi o de divulgar a existência e a importância das Terapias Corporais na Região Sul da Bahia, tendo como objetivos específicos conhecer a gênese de tais práticas na UESC, bem como sua relação com os atuais debates sobre a inserção das Práticas Integrativas e Complementares em Saúde (PICS) no Sistema Único de Saúde (SUS). O trabalho se justifica por três motivos: a) pelo desenvolvimento pessoal advindo da participação dos entrevistadores e entrevistado na realização de um trabalho acadêmico voltado para a valorização e produção do conhecimento sobre o tema abordado; b) pela carência no meio acadêmico de pesquisas relacionadas à temática, em especial aquelas voltadas para a realidade da Região Sul da Bahia; c) pela necessidade de divulgação de iniciativas acadêmicas que buscam dar suporte às demandas das comunidades de cidades influenciadas pelos Projetos de Extensão da UESC, contribuindo assim para um dos objetivos de sua existência.

O encontro foi gravado por meio da utilização de uma Câmera Canon T6i para captação do áudio e vídeo do professor. O entrevistado assinou um termo de autorização de divulgação das imagens e áudios captados pelo equipamento. Optou-se por fazer a transcrição dos dados da forma como ele foi apresentado pelo entrevistado, ou seja, sem realizar qualquer tipo de alteração ou adaptação, trata-se aqui de preservar a literalidade do que foi dito.

Pascoal dos Santos, T. & et. al. (2020).



A motivação pela entrevista nasceu da participação dos entrevistadores nas disciplinas ministradas pelo professor no curso de Educação Física UESC, bem como pelo fato do mesmo ser pioneiro na instituição a trabalhar com o que hoje conhecemos por Práticas Integrativas e Complementares em Saúde.

ENTREVISTADORES: Prof. Samuel, conte-nos da sua história na Educação Física, quando foi que surgiu o seu interesse pelas Terapias Corporais? Sua formação inicial (graduação) influenciou na escolha por trabalhar nessa área? ENTREVISTADO: Bom, vou começar pela graduação. Eu quando era estudante, era um pouco assim, “rato de sebo”, “rato de biblioteca”². Logo no final do primeiro ano da graduação encontrei um livro chamado *Consciência pelo Movimento* (FELDENKRAIS, 1977). Esse livro é de Feldenkrais e na época, ninguém falava sobre Feldenkrais no Brasil. Ele foi introduzido por uma pessoa que é uma das minhas bases teóricas, o Dr. José Ângelo Gaiarsa, este que, talvez, seja o grande responsável pela introdução das abordagens corporais terapêuticas na Psicoterapia Corporal no Brasil, de trazer também o conhecimento reichiano³ para o Brasil (GAIARSA, 1984, 2002). O que me impressionou no livro foi a interessante história de Feldenkrais, um ex-atleta que tinha sido condenado porque o joelho estava doente, e, como físico que era, foi estudar o movimento humano, criando assim, um método chamado de “Método de Feldenkrais”, que hoje é uma base teórica fundamental e especial no Canadá, existindo inclusive escolas de terapia do Canadá. Então meu primeiro momento foi esse. Quando eu era estudante de Educação Física uma fala me impressionou muito, na época o Dr. José Ângelo Gaiarsa dizia que a Educação Física daquele período, e eu concordo que até hoje isso acontece em alguma circunstância, era um pouco digna de trogloditas (risos). Então fui correndo atrás dessas coisas e acumulei um conhecimento que na minha época não era muito discutido na Educação Física. Logo em seguida, veio o movimento da antiginástica, que, por erro de tradução, foi traduzido do francês para o

² A terminologia “rato de sebo”, “rato de biblioteca” referem-se a linguagem intramuros dos estabelecimentos de ensino, onde *sebo* indica locais que comercializam livros usados e *rato*, às pessoas frequentadoras assíduas das bibliotecas.

³ Conhecimento teórico-prático produzido por Wilhelm Reich. Segundo Alexandre Salvador, a abordagem reichiana agrupa conhecimentos das subáreas da epistemologia, pedagogia, psiquiatria, biologia, sexologia, psicologia, química, física, filosofia, sociologia, antropologia, meteorologia, cosmologia, astrofísica e outras. Suas descobertas são eficazes no tratamento de transtornos psíquicos e distúrbios orgânicos, mas a terapia reichiana também é indicada para todas as pessoas que buscam bem-estar físico e mental, contribuindo para um maior autoconhecimento através do contato com as emoções, em busca do prazer e da liberdade de viver.

Bioenergética. Revista Revise, v.05, fluxo contínuo (2020): Dossiê experiências de integração ensino serviço nas Práticas Integrativas e Complementares, p. 241-254.

Pascoal dos Santos, T. & et. al. (2020).



português como antiginástica. Isso criou um preconceito por parte dos profissionais de Educação Física que muitos liam literalmente né, achando que era um movimento contra a ginástica. Sendo que na verdade a ginástica também, dependendo de como ela for utilizada, ela pode formar muitos trogloditas. E na verdade, a antiginástica nada mais era do que um método de trabalho voltado para a consciência corporal criada por uma fisioterapeuta francesa chamada Thérèse Bertherat, muito influenciada pelas pesquisas de Françoise Mézières. Hoje a antiginástica também é uma linha teórica importante fora do contexto nacional e uma pessoa para poder fazer a formação precisa estudar e vivenciar por três anos trabalhos com antiginástica (BERTHERAT, 1986a, 1986b, 1987, 1990). São trabalhos interessantíssimos pois eles usam muito da massagem dos tendões, das articulações, coisas da sensibilidade. É que na verdade, o Movimento Humano ele é muito amplo, ele tem muitas nuances, e nós da Educação Física nos arvoramos muito mais no campo da produtividade. Isso é fruto um pouco da concepção capitalista do mundo produtivo, do corpo imagético, da imagem corporal muito parecida com o Ken e com a Barbie essas coisas, e eu como um estudante de Educação Física a partir dessas leituras (isso com 18 e 19 anos) eu fui virando o patinho feio do curso já naquela época né, mesmo sendo atleta de handebol, atleta de ginástica olímpica, eu também passei pela deformação física expressada por Gaiarsa, mesmo não concordando muito com essa afirmação, porque é um pouco exagerado, mas de qualquer forma é algo que a gente precisa sintonizar porque às vezes a gente não sabe que corpo é mente e mente é corpo. E a gente no dualismo do corpo-mente acaba esquecendo que o corpo também é alma e espírito, é físico e emocional, que é cognitivo, psicomotor, afetivo e que existe a complexidade do contexto interno, nós não somos só um feixe de órgãos, músculos e movimento. Tudo isso junto foi me levando formar uma concepção como professor de Educação Física diferenciada dos meus professores de graduação que, na época, eram tecnicistas ao extremo, isso muito em virtude do currículo do curso da Federal de Viçosa. Mesmo sendo crítico à essa abordagem tecnicista eu não caminhei pelo materialismo dialético porque eu questionava algumas coisas, é que muitas vezes tinha um discurso, mas não tinha uma proposta de formação para a corporeidade, e isso para mim era confuso. Porque eu também era atleta e gostava de esporte, do movimento e eu acho que isso é muito importante, especialmente as bases motoras, que deveriam ser o grande carro chefe da formação da criança. Normalmente, o que acontece nas faculdades de Educação Física é que a criança não está no imaginário do estudante de graduação. E isso é um

Bioenergética. Revista Revise, v.05, fluxo contínuo (2020): Dossiê experiências de integração ensino serviço nas Práticas Integrativas e Complementares, p. 241-254.



problema, porque nós precisamos aprender a trabalhar pensando na formação da criança no contexto do movimento humano, e dentro do desenvolvimento humano no contexto do desenvolvimento motor.

ENTREVISTADORES: Essa perspectiva está muito ligada aquilo que Reich dizia sobre o trabalho com as crianças visando a profilaxia das neuroses, não é verdade?

ENTREVISTADO: Sim, sim, Reich vem na minha vida muito depois. Eu início com o Método Feldenkrais, que é algo pós-reichiano fora do campo teórico reichiano. Eu costume dizer que meu trabalho com Terapias Corporais teve início quando eu fui trabalhar na escola, estando lá por 23 (vinte e três) anos, eu implantei um programa de Educação Física e lá eu trabalhava assim: até a 4ª série nós tínhamos como fundamento teórico a cultura corporal de movimento, eu chamava de “*Experiências multireferenciadas do movimento*”. Seguindo a perspectiva da comunicação-expressão que nos ensina que “quanto mais leitura você tem, melhor você se expressa”, nós já entendíamos que, quanto mais experiências motoras tiver e quanto mais vivências corporais tiver, sem muito estereótipo, melhor para o jovem. Então trabalhávamos com base na aptidão do desenvolvimento motor, da construção das habilidades motoras e locomotoras. Tudo isso dentro de contexto da formação humana. Formação humana que é muito negligenciada na maioria das escolas do Brasil. Infelizmente, o brasileiro não sabe trabalhar nessa perspectiva; são honrosas, as exceções são claras; existem muitos profissionais que tem feito esse trabalho. Especialmente nas escolas públicas, os trabalhos são desenvolvidos um pouco *laissez-faire*, sem interesse no desenvolvimento da criança e do jovem. E isso tem refletido aqui, quando o estudante chega na graduação de Educação Física. A maioria dos estudantes não possuem coordenação e habilidade motora, não possuem experiência de movimento. Nós precisamos retomar coisas com pessoas que estão na idade adulta. Essa é uma situação que precisamos estar atentos. Os alunos da 5ª à 8ª série optavam por um esporte, sendo que ele era trabalhado dentro de todo um contexto da ginástica, de reflexão sobre o meio ambiente e natureza.

ENTREVISTADORES: Fale-nos da sua formação em Psicoterapia Corporal Neorreichiana. Como o curso se estruturava? **ENTREVISTADO:** A formação vem, exatamente, quando eu comecei a fazer esse programa. Quando os alunos chegavam no 3º ano do segundo grau e o vestibular era considerado como uma maratona física, mental e emocional. Eu fui pesquisar sobre técnicas de bem-estar. Diante daquilo que eu tinha encontrado, eu comecei a dar aula para todas as

Pascoal dos Santos, T. & et. al. (2020).



turmas do 3º ano, terceiro ano de forma unificada, ou seja, todas as turmas juntas. E aí eu fazia uma preparação física, mental e emocional, articulada com um simulado para o vestibular. Naquele ano, quase que 90% dos alunos foram aprovados no vestibular. Porque isso também envolvia a preparação física, todos esses conteúdos que a gente tem de um desenvolvimento humano saudável, onde a pessoa é capaz de oxigenar seu cérebro, é capaz de controlar suas emoções, é capaz de dar um plus às suas tensões, de se ajustar melhor a um tempo de prova de quatro horas, uma experiência que precisa de uma condição física e emocional. Aí, quando eu comecei a trabalhar dessa forma os meninos diziam que parecia uma terapia. Daí veio a ideia de fazer a formação. Eu disse para mim, bom se parece então vou fazer a formação. Paralelo a isso, eu trouxe um professor de Vitória do Espírito Santo, o professor Paulo Roberto Gomes de Lima, que na época já tinha o curso de formação em Psicoterapias Corporais, que na época era um projeto de extensão da Universidade Federal do Espírito Santo do grupo de psicologia de lá. Eu trouxe o professor Paulo aqui na UESC para fazer um seminário, o primeiro evento de Educação Física que tinha por título: “*Corpo, Consciência e Natureza*”, um evento que quase foi um fiasco, porque na época teve pouca participação dos universitários de uma maneira geral. A gente não tinha o curso de Educação Física ainda, só não chegou a ser um fiasco, porque as pessoas que faziam o magistério nas escolas de segundo grau de Itabuna e Ilhéus lotaram. Então a gente teve um público de estudantes de magistério, na época para ser professor bastava esse curso de ensino médio. E eles tinham um interesse diferenciado, porque eles têm na cabeça deles aquilo que muitos não têm, no imaginário deles a criança tem lugar. Então foi um sucesso! Foi aí que durante esse evento, eu comentando com Paulo como eu fazia o meu trabalho com Educação Física, foi que ele me disse: “*rapaz você precisa fazer a formação em Psicoterapia Corporal*”. Eu comecei a formação em 1994 e, daí por diante, mudou a minha cabeça em relação à visão que eu tinha da Educação Física. Eu passei três anos indo e voltando para Vitória, todos os finais de semana, não era fácil, dormia no ônibus, quando chegava de viagem da rodoviária e ia direto para trabalho. Essa experiência me deu uma bagagem teórica tremenda, foi aí que eu me aproximei de Wilhelm Reich e de todos os Neorreichianos. Isso porque o curso era de base Neorreichiana. Lá estudávamos a Biossíntese do David Boadella e outros(as), a Biodinâmica de Guerda Boyesen, a Bioenergética do Alexander Lowen e Perrakos a Educação Somática de Stalen Kelleman (BOADELLA, 1985, 1992; BOYESEN, 1983, 1986; LOWEN, 1982, 1993, 1997). Então isso me deu uma bagagem e eu comecei

Bioenergética. Revista Revise, v.05, fluxo contínuo (2020): Dossiê experiências de integração ensino serviço nas Práticas Integrativas e Complementares, p. 241-254.

Pascoal dos Santos, T. & et. al. (2020).



a olhar para Educação Física com outro viés, afastado daquilo que Gaiarsa dizia sobre os profissionais de Educação Física. O que não foi e não tem sido fácil, visto que, majoritariamente na Educação Física e até mesmo na Psicologia, esse conhecimento ficou restrito a grupos específicos não se tornou algo acadêmico. Apenas a Fisioterapia conseguiu ter a antiginástica como uma técnica específica da sua área de conhecimento. A Educação Física enquanto área de conhecimento se afastou muito dessas abordagens quando na verdade nós deveríamos ter abraçado e produzido ciência sobre essas questões. Temos alguns nomes como o professor Lorenzetto, a Sara Matthiesen ambos da UNESP de Rio Claro, esta última voltada mais para o entendimento da perspectiva reichiana na educação (MATTHIESEN, 2005, 2007). Inclusive o Lorenzetto tem um livro sobre *Práticas Corporais Alternativas*, que é o que eu não gosto de chamar de Práticas Alternativas (LORENZETTO & MATTHIESEN, 2008). Eu prefiro chamar de Abordagens Corporais Terapêuticas ou Abordagens Corporais Diferenciadas, porque não é alternativa, esse termo vem muito do movimento de contracultura, muito baseado no movimento hippie, que questionava a sociedade capitalista, dando dupla interpretação. Esse trabalho não tem nada de alternativo, ele é importante e devia estar no processo de formação dos profissionais que vão trabalhar com a corporeidade, como o ser humano e todas as dimensões. E, com isso, vem o preconceito, especialmente à Reich que foi banido do mundo acadêmico, e você sabe disso né? Você estudou a teoria reichiana. Então quer dizer... Pouco se aproveita dos trabalhos dele. Hoje tem uma pessoa no Rio Grande do Sul que fabrica a Caixa Orgone⁴ e tem vendido horrores, ela tem conseguido resolver questões importantes de Saúde que estão relacionadas como a energia vital. E aí as Terapias Corporais é um fundamento importante porque ela liberta as pessoas das amarras das couraças musculares do caráter que impedem o fluxo natural da energia vital mencionada por Reich e tantos outros, a exemplo do Dr. Dimas Calegari (2001). E, muitas vezes, os movimentos que nós professores de Educação Física executamos e orientamos provoca a obstrução dessa energia, porque são movimentos construídos estereotipados limitantes à criação, à criatividade, serve só para dar resposta

⁴ Caixa Orgone é um equipamento criado em 1940 pelo médico e cientista natural austríaco Dr. Willhem Reich, é um aparelho para manutenção da saúde e tratamento de doenças. Em síntese, a Caixa é um carregador da nossa bateria com energia vital. Ao entrar na Caixa por cerca de 30 minutos diários você equilibra e fortalece a energia do seu organismo, trazendo muitos benefícios como a melhora da saúde e da disposição, chegando até a curar algumas doenças e a diminuir em muito os sintomas de muitas outras.

Bioenergética. Revista Revise, v.05, fluxo contínuo (2020): Dossiê experiências de integração ensino serviço nas Práticas Integrativas e Complementares, p. 241-254.

Pascoal dos Santos, T. & et. al. (2020).



motora ao rendimento. Mesmo sabendo que o rendimento tem o seu valor, a crítica é que na maioria das vezes, ele anula a perspectiva de consciência corporal que fica completamente fora disso.

ENTREVISTADORES: No Brasil, sabemos que no passado, pessoas que escolhiam trabalhar com práticas alternativas sofriam diversas críticas por parte do público acadêmico.

Como foi o início de tudo? O senhor sofreu resistência ao trazer as práticas corporais para a UESC? ENTREVISTADO:

Eu cheguei na Universidade existiam os cursos de licenciatura que tinham em seus currículos 8 disciplinas de Educação Física, sendo 2 do núcleo comum e 6 profissionalizantes. Foi aí que eu vi a oportunidade de trabalhar diversas dimensões da formação dos licenciados, então eu criei: Cultura Corporal no Brasil; Bem-estar e Atividade Física; e Carnaval, Capoeira e Futebol, e, quando eu estava fazendo a formação em psicoterapia criei uma disciplina chamada Grupo de Movimento. O Grupo de Movimento é uma perspectiva nacional, existem muitos terapeutas hoje trabalhando com isso, mas na época não tinha. Em São Paulo tinha uma mulher chamada Elenice, que inclusive criou um livro sobre Grupos de Movimento, junto com Ricardo Amaral, hoje são professores do Instituto Sedes Sapientiae, que é onde se faz uma formação com as diversidades que as psicoterapias exigem, então essa formação é para todos os profissionais da área da saúde. E eu conhecia essas pessoas, porque todos eles foram meus professores na formação em Psicoterapia Corporal lá em Vitória. Eles vieram de São Paulo, existia o Instituto Ágora com sede em Ribeirão Preto, São Paulo e Vitória, eram três oásis no deserto brasileiro. Trabalhando na contramão da cultura psicanalítica, porque a grande crítica que foi feita é que a psicanálise de Freud só leva em consideração a oralidade, esquecendo-se da corporeidade, e Reich como discípulo de Freud foi o cara que questionou essa técnica e colocou no centro do debate a questão do toque no corpo. Então foi assim que eu comecei um Grupo de Movimento na prática de Educação Física aqui na universidade. Na primeira turma vieram 4 pessoas, a segunda turma foram 12, uns dois anos depois eu tinha cinco turmas com mais de 20 estudantes e com a filia de mais de 100. Então teve uma demanda muito grande, porque o pessoal vinha para a prática de Educação Física, mas eles saíam daqui com a compreensão do que é o movimento, do efeito, como é que isso acontece, afastado daquela coisa da prática pela prática, como acontecia fazer ginástica, 1, 2, 3, 4, ou correr, sem dar uma consistência da importância disso para o ser humano. Eu acho que hoje a Educação Física superou isso, porque a

Pascoal dos Santos, T. & et. al. (2020).



práxis do movimento humano para um profissional que tem boa formação qualquer coisa que ele vai fazer, ele tem que justificar o que ele está fazendo.

ENTREVISTADORES: E de lá para cá tem quanto tempo essa história? Eu soube que tem um projeto de extensão? ENTREVISTADO: Eu comecei na UESC em 1995 fazendo os Grupos de Movimento. Com o curso de Educação Física nós implantamos no curso duas disciplinas optativas: *Abordagens Corporais Terapêuticas na Escola; Terapias Corporais, Movimento Humano e Educação Física*. Isso dá um plus para alguns, aliás, essa é uma coisa curiosa, porque os estudantes que passaram por elas acham que deveriam ser obrigatórias para todos. Eu já ouvi muito isso, porque eles ganham uma visão diferente de como o movimento pode ser abordado com dinâmicas e com concepções que contribuem para que a gente fique mais comprometido com a formação e o desenvolvimento humano e muito menos com a questão da produção do movimento ou a formação de corpos estéticos. Porque o custo emocional é muito alto, o custo psicológico e nós precisamos ter cuidado com essas coisas. Então aqui na UESC desde 1995, agora o projeto de extensão *Terapias Corporais* aconteceu com a introdução da Universidade Aberta à Terceira Idade (UNATI) na instituição, aí eu contribuía na UNATI, eu oferecia *Terapias Corporais* para a maturidade, que também se eu abrir cinco turmas lotam. É impressionante; eles gostam muito, eles vêm aqui fazer pressão para ter mais grupos. E com o tempo eu transformei isso num projeto de extensão *Abordagens Corporais Terapêuticas na Universidade*, que é aberto para todos, aos estudantes, professores, trabalhadores e pessoas da comunidade ao entorno da instituição, o problema é que coincidiu que, quando o projeto foi aprovado, eu voltei para ser Coordenador do Curso de Educação Física e essa função tira você um pouco das aulas, porque você fica com pouco tempo. Hoje eu me divido na coordenação, ministro aulas no curso e mantenho uma turma na UNATI com 30 vagas, e sempre ultrapassa, com os idosos. Quando o tempo está um pouco melhor aí eu consigo montar uma turma optativa de *Abordagens Corporais Terapêuticas na Escola*, tendo a participação de alguns estudantes da graduação. Atualmente é isso que a gente oferece. Hoje temos sonhos e o nosso avo é criar um curso Lato Sensu (Especialização).

ENTREVISTADORES: O senhor falou que na grade curricular do curso de Educação Física tem duas disciplinas. Qual a intenção dessas disciplinas na grade curricular da formação de um professor? ENTREVISTADO: É oferecer um espaço diferenciado e inovador na formação

Bioenergética. Revista Revise, v.05, fluxo contínuo (2020): Dossiê experiências de integração ensino serviço nas Práticas Integrativas e Complementares, p. 241-254.

Pascoal dos Santos, T. & et. al. (2020).



de professores para aquele grupo de estudante que é diferenciado, que tem interesse em humanizar o seu trabalho e vivenciar alternativas. Um espaço para aqueles que não almejam ficar muito fixado no esporte, fixado naquela Educação Física tradicional. E provocar, fomentar um exercício acadêmico baseado em um novo olhar por parte da Educação Física⁵.

ENTREVISTADORES: Considerando o atual cenário de elevação dos índices de doenças relacionadas aos TMC (Transtornos Mentais e Comportamentais), onde na escola, por exemplo, temos percebido inúmeros casos de jovens praticando automutilação, o senhor acredita que as Terapias Corporais são ferramentas potentes que podem contribuir para ajudar as pessoas acometidas por esses problemas? ENTREVISTADO: Não, eu não acredito. Eu tenho convicção acadêmica, científica, por tudo aquilo que Reich produziu e por tudo aquilo que tem sido produzido. Existe um Curso de Psicoterapia Corporal em Curitiba-PR que tem produzido muitos trabalhos nessa área. Os trabalhos produzidos por eles são estudados nessas disciplinas que ministramos aqui no curso. Os professores de Educação Física têm um campo aberto nessa área no ambiente escolar por ser um professor com conhecimentos da área da saúde, por se tratar da disciplina que goza de um grande prestígio perante os alunos. De acordo com as pesquisas na área, se por um lado a Educação Física não tem muita importância no currículo escolar (por vários motivos), por outro ela está no topo da lista das mais preferidas pelos alunos. Então, diante disso, nós da Educação Física temos a oportunidade de contribuir de forma positiva diante deste problema de Transtornos Mentais e Comportamentais. De posse dos conhecimentos neorreichianos ele pode contribuir positivamente seja realizando projetos terapêuticos focalizados ou até mesmo indiretamente nas suas aulas tradicionais e de esporte. Eu me lembro de quando eu dava aula de handebol na escola os meus alunos faziam jazz para poder ter habilidades com as pernas e eu fazia os trabalhos terapêuticos com eles, porque eu já era pesquisador das técnicas de bem-estar e queria uma equipe um grupo. Hoje em dia, as grandes equipes investem em psicologia do esporte. Enfim... Eu tenho convicção científica de que as teorias neorreichianas podem contribuir com essa questão, em especial a Bioenergética e Biodinâmica.

⁵ O entrevistado descreveu os detalhes do espaço inovador na formação de professores de Educação Física com Grupo de Movimento na Dissertação de Mestrado “Educação física, vivência e experiência corporal” (Guimarães, 2002). *Bioenergética. Revista Revise, v.05, fluxo contínuo (2020): Dossiê experiências de integração ensino serviço nas Práticas Integrativas e Complementares, p. 241-254.*

Pascoal dos Santos, T. & et. al. (2020).



ENTREVISTADORES: Atualmente, o governo brasileiro tem intensificado as ações na área das Práticas Integrativas e Complementares no SUS. A Bioenergética é uma das práticas. O senhor acredita que isso é um avanço? Como a UESC tem se reparado para inserir a Educação Física nesse cenário? **ENTREVISTADO:** Essa é uma novidade que ainda está em

estágio embrionário (BRASIL, 2006, 2015). Não sabemos qual será o seu futuro, pois o cenário atual é de desmonte de toda ideia progressista. Eu, por exemplo, pessoalmente e como Terapeuta Corporal, me vejo como participante de um núcleo de resistência onde se insere a Bioenergética e todas as demais teorias Neorreichianas. Pense comigo, se todas essas abordagens buscam o afrouxamento das couraças musculares, ou seja, trabalham com o autoconhecimento, autorregulação, ampliação da corporeidade, diminuição do pensamento tradicional, buscam dar mais liberdade ao ser humano, que futuro essas propostas terão diante de um cenário de crescimento do pensamento conservador no Brasil? Outra coisa, essas abordagens almejam a quebra dos preconceitos nas relações entre os seres humanos de maneira geral, em especial aqueles preconceitos que afetam as minorias (negro, homossexual, puta). Tais públicos diante desse cenário são os primeiros a sofrerem. É complexo esse contexto e marcado por incertezas. A Bioenergética no SUS é um fenômeno que precisa ser estudado diante de todo o movimento de desmonte do SUS. Eu diria que se trata de uma contradição positiva (risos). Atualmente, o SUS corre o risco de desaparecer, tendo em vista as propostas do atual governo de criação de um novo sistema de saúde. Dito isso, eu penso que não deveria se limitar só a Bioenergética, deveríamos ter no SUS a Biossíntese, Biodinâmica, Educação Somática, a Antiginástica que é muito usado pelos fisioterapeutas, o método Feldenkrais que é fantástico. Sabe por quê? Porque a elite usa isso a favor de si. Se você faz parte da elite você paga o melhor terapeuta, psicoterapeuta ou psicanalista. Quando falamos do SUS, nós estamos falando de psicologia de massas, estamos falando de servir ao ser humano como um todo. Não estamos falando de atender os que se sentem mais privilegiados do que os outros. Quem tem dinheiro paga para ter o conhecimento de ponta, sendo os processos terapêuticos não farmacológicos um deles. É por isso que eu não gosto desse termo “alternativo”, porque na verdade o que chamamos de “alternativo” é aquilo que é ofertado para o pobre, porque, para o rico, isso faz parte do seu cotidiano, da sua experiência diária, não é “alternativo” é condição *sine qua non*, serviço necessário, prioritário. A pessoa paga para ter toda semana sua sessão de acupuntura, sua massagem, yoga etc. Ora nós temos agora uma política

Bioenergética. Revista Revise, v.05, fluxo contínuo (2020): Dossiê experiências de integração ensino serviço nas Práticas Integrativas e Complementares, p. 241-254.

Pascoal dos Santos, T. & et. al. (2020).



governamental antilus, correndo o risco inclusive de desaparecer, o que nós estamos vendo na verdade em relação às PICS no SUS é um fenômeno contraditório e esses são os problemas contemporâneo e que talvez não tenhamos força para contê-los. Eu sou sozinho nessa história e vou costurando com a minha linha e agulha, fazendo a minha techedura, nas disciplinas, nos projetos, nos cursos ou em alguém que eu possa ter influenciado de alguma maneira, mesmo sabendo que tudo isso é complexo pois existe a sobrevivência.

ENTREVISTADORES: Prof. Samuel obrigado por ter aceitado o convite para essa entrevista.

ENTREVISTADO: Foi um prazer conversar com vocês sobre as Terapias Corporais.

REFERÊNCIAS

BERTHERAT, Thérèse. *O corpo tem suas razões: antiginástica e consciência de si*. São Paulo: Martins Fontes, 1986a.

BERTHERAT, Thérèse. *O correio do corpo: novas vias da antiginástica*. São Paulo: Martins Fontes, 1986b.

BERTHERAT, Thérèse. *A toca do Tiger*. São Paulo: Martins Fontes, 1990.

BERTHERAT, Thérèse. *As estações do corpo: aprenda a olhar o seu corpo para manter a forma*. São Paulo: Martins Fontes, 1987.

BOADELLA, David. *Correntes da vida: uma introdução à biossíntese*. São Paulo: Summus, 1992.

BOADELLA, David. *Nos caminhos de Reich*. São Paulo: Summus, 1985.

BOYESEN, G. A personalidade primária. In: *Cadernos de psicologia biodinâmica*. 3ª ed. - São Paulo: Summus, 1983.

BOYESEN, G. *Entre Psiquê e Soma: Introdução à Psicologia Biodinâmica*. Tradução Beatriz Sidou. São Paulo: Summus, 1986.

Bioenergética. Revista Revise, v.05, fluxo contínuo (2020): Dossiê experiências de integração ensino serviço nas Práticas Integrativas e Complementares, p. 241-254.

Pascoal dos Santos, T. & et. al. (2020).



BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Atenção Básica. *Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares no SUS - PNPIC-SUS*. Brasília: Ministério da Saúde, 2006.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Atenção Básica. *Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares no SUS: atitude de ampliação de acesso*. 2. ed. - Brasília: Ministério da Saúde, 2015

CALEGARI, Dimas. *Da teoria do corpo ao coração*. São Paulo: Summus, 2001.

FELDENKRAIS, Moshe. *Consciência pelo Movimento*. São Paulo: Summus, 1977.

GUIMARÃES, S. M. *Educação física, vivência e experiência corporal*. Dissertação (Mestrado em Educação Física) - Universidade Federal de Santa Catarina: Florianópolis, 2002.

GAIARSA, José Ângelo. *Couraça muscular do caráter: Wilhelm Reich*. São Paulo: Ágora, 1984.

GAIARSA, J. A. O corpo fala? *Revista Motriz*, Set/Dez 2002, Vol.8 n.3, pp. 85 – 90. Disponível em: <http://www.rc.unesp.br/ib/efisica/motriz/08n3/Gaiarsa.pdf>. Acessado em: 08/05/2020.

LOWEN, A. *Bioenergética*. (1975). São Paulo: Summus, 1982.

LOWEN, A. *A espiritualidade do corpo*. (1990). São Paulo: Cultrix, 1993.

LOWEN, A. *Alegria a Entrega ao Corpo e à Vida*. São Paulo: Summus, 1997.

LORENZETTO, L. A. & MATTHIESEN, S. Q. *Práticas Corporais Alternativas*. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2008.

MATTHIESEN, S. Q. *A educação em Wilhelm Reich: da psicanálise à pedagogia econômico-sexual*. São Paulo: UNESP, 2005.

MATTHIESEN, S. Q. *Organização bibliográfica da obra de Wilhelm Reich: bases para o aprofundamento em diferentes áreas do conhecimento*. São Paulo: Annablume/FAPESP, 2007.